

Os indignados da Espanha: um olhar sobre a cobertura e as repercussões dos atos do Movimento 15-M no diário *El País*¹

Maurício Marques BRUM²
Camila Marchesan CARGNELUTTI³

Resumo

O presente artigo analisa a atuação do jornal espanhol *El País*, em sua versão online, durante a semana de 15 de maio de 2011 (quando se iniciou o Movimento 15 de Maio, cujos integrantes se identificavam como “indignados”) até 22 de maio, data das eleições municipais e autonômicas da Espanha naquele ano. Busca-se compreender como o periódico realizou o agendamento das manifestações naqueles dias, bem como analisar o discurso adotado por *El País* ao tratar dos acontecimentos. Também são feitas breves considerações sobre as repercussões do 15-M, na imprensa e no cotidiano político espanhol.

Palavras-chave: Agendamento. Análise de Discurso. El País. Movimento 15-M.

Resumen

Este artículo analiza la actuación del diario español *El País*, en su versión en línea, durante la semana del 15 de mayo de 2011 (cuando se inició el Movimiento 15 de Mayo, cuyos integrantes se denominaban los “indignados”) hasta el 22 de mayo, fecha de las elecciones municipales y autonómicas de España en ese año. Buscamos comprender como el periódico ha realizado el *agenda-setting* de las manifestaciones en esos días, además de analizar el discurso adoptado por *El País* en el trato de los acontecimientos. También son hechas breves consideraciones sobre las repercusiones del 15-M, tanto en la prensa como en el cotidiano político español.

Palabras-clave: Agenda-setting. Análisis del Discurso. El País. Movimiento 15-M.

¹Uma versão deste trabalho foi apresentada no XVII Simpósio de Ensino Pesquisa e Extensão, promovido pelo Centro Universitário Franciscano, em Santa Maria (RS), em 2013.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG). E-mail: mauribrum@gmail.com

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), bolsista CAPES. E-mail: camila.m.cargnelutti@gmail.com

Introdução

E quando uma revolução parece querer acontecer no quintal de casa, que posicionamento adotar? Uma questão similar poderia ter pairado sobre os diretores de redação do diário espanhol *El País*, de Madrid, no domingo em que milhares de manifestantes tomaram as ruas da capital para protestar contra a situação econômica e política da Espanha. Era 15 de maio de 2011, uma data que logo foi adotada como nome do movimento popular – o “Movimiento 15 de Mayo”, ou “15-M” –, que buscava sair às ruas para chamar a atenção para questões que afligiam boa parte da população. O dia escolhido não era casualidade: exatamente uma semana antes das eleições municipais e autonômicas⁴ marcadas para 22 de maio.

Tratava-se de mais um episódio de mobilização popular em um ano especialmente turbulento. Grandes manifestações vinham sendo registradas em continentes distintos, alguns por reflexos da crise econômica mundial iniciada em 2008, outros pela inspiração vinda pelas conquistas de outros movimentos gerados no próprio ano de 2011. Em maio de 2011, embora as ocupações de Wall Street, nos Estados Unidos, e os tumultos de Londres ainda não tivessem tomado corpo – e, para todos os efeitos, gigantescas mobilizações como as registradas no Brasil em 2013 ainda eram insuspeitadas –, a chamada Primavera Árabe já havia registrado episódios importantes. Os governos ditatoriais que regiam a Tunísia e o Egito tinham sido derrubados, e na Líbia os grupos rebeldes já levavam a cabo os enfrentamentos que culminariam com a queda do ditador MuammarKhadafi.

Tais acontecimentos ganhavam enorme destaque no noticiário internacional e, sem dúvidas, compunham grande parte do espaço destinado às manchetes de *El País*. Quando uma mobilização de relevo ocorreu na própria Espanha, porém, o jornal se viu diante da obrigação de noticiar o que acontecia às vistas de todos e, ao mesmo tempo, escolher se repetia – ou não – o posicionamento favorável a mudanças que havia marcado sua cobertura internacional. O presente artigo objetiva analisar, a partir de conceitos demonstrados por Hohlfeldt (2001), como se deu o agendamento do noticiário sobre o “15-M” no site de *El País* (www.elpais.com) naquela semana que precedeu as

⁴ Na Espanha, as Comunidades Autônomas são grandes regiões de subdivisão política do país, equivalentes a departamentos ou estados.

eleições de 22 de maio de 2011 e, ademais, traçar um breve comentário sobre o discurso adotado naqueles dias, conforme critérios de Análise de Discurso observados em Machado e Jacks (2001).

O agendamento pelos interesses populares

Era evidente que o assunto daquela semana, na Espanha, seriam as eleições. O debate se centrava nas alternativas à crise econômica que vinham sendo apresentadas pelos postulantes aos cargos, com destaque para a criação de empregos – um quinto da força de trabalho do país, àquela altura, encontrava-se oficialmente desempregada⁵. A derrota do Partido Social ObreroEspañol (PSOE), até ali majoritário, era quase certa de acordo com as pesquisas de intenção de voto, abrindo espaço para a oposição encabeçada pelo Partido Popular (PP), que defendia medidas de austeridade.

Esta era a agenda da imprensa – e *El País* não se diferenciou de seus concorrentes na abordagem da expectativa eleitoral. O agendamento, recordemos, consiste na ideia de que os meios de comunicação, ainda que não possam impor exatamente “o quê” pensar a respeito de determinado assunto, são capazes de influenciar “sobre o quê” o público deve pensar e discutir. Entretanto, no momento em que os primeiros manifestantes passaram a ocupar a Puerta del Sol, nome da praça onde fica o marco zero de Madrid e local escolhido simbolicamente para ser, também, uma espécie de marco zero do 15-M na Espanha, um novo ingrediente somou-se ao debate que ocorria até então.

Sem tirar as eleições da pauta do dia, as demandas populares chamava atenção a outros tópicos até ali não destacados, ou convenientemente “esquecidos” por grande parte dos analistas. Os protestos passaram a questionar a validade de uma votação que, na visão de quem se manifestava, talvez não fosse mudar tanto assim a situação. Não se negava o quão prejudicial era a crise econômica ou a extrema dificuldade que ela impunha sobretudo aos mais jovens em busca de emprego, mas aos “indignados” também interessava uma disputa que ia além dos partidos políticos propriamente ditos – desejavam uma revisão do sistema político, apontando-o como viciado, vítima das

⁵ De acordo com Ramoneda (2011), o desemprego atingia 20% dos trabalhadores, índice que subia para 43% quando se considerava apenas os jovens recém-ingressados no mercado de trabalho. Os jovens foram os principais impulsores do movimento 15-M.

vontades do mercado e, desta forma, incapaz de alterar a realidade de crise, independentemente do partido que vencesse.

A nova personagem da corrida eleitoral, uma coletividade insatisfeita não apenas com o contexto econômico, mas com a própria situação política (da situação e da oposição), provocou um alvoroço tanto nos candidatos quanto na imprensa. De súbito, *El País* viu-se na necessidade de colocar em discussão as demandas dos manifestantes, bem como de interpretá-las – o que incluía dar margem a repensar a forma como a democracia espanhola vinha sendo levada. Como ressalta Hohlfeldt, existe “uma verdadeira correlação entre a agenda da mídia e a agenda do receptor, mas também a agenda do receptor pode e acaba influenciando a agenda da mídia” (2001, p. 197-198). A partir do marco zero de Madrid, os indignados que se aglomeraram desde o dia 15 de maio colocavam sua agenda particular na agenda da mídia, redefinindo, a uma semana das eleições, a cobertura e os critérios de apuração.

A influência da mobilização sobre as posturas adotadas pelos candidatos também pôde ser notada facilmente. Se os “indignados” haviam levado suas principais demandas à mídia, a repercussão delas passava a gerar respostas nos concorrentes aos cargos públicos. Pegos de surpresa, eles não chegaram a discutir em profundidade uma reforma no sistema político – no entanto, a partir de críticas dos manifestantes ao excessivo neoliberalismo econômico praticado pela situação (apesar de algumas bandeiras históricas do PSOE) e defendido abertamente pela oposição, era possível ver os candidatos admitirem os problemas de haver apenas dois partidos fortes no país, bem como a necessidade de rever a pouca participação estatal em certos pontos da combalida economia.

Além disso, como o 15-M era um movimento propulsionado principalmente pelas camadas mais jovens da população espanhola, a presença dos protestos nas manchetes fez com que as declarações dos candidatos buscassem se alinhar ainda mais ao que desejava – ou parecia desejar – esse grupo. Repetidas vezes, Mariano Rajoy, o líder do oposicionista PP (que não concorria nas eleições de 22 de maio, mas já havia lançado sua candidatura à presidência de governo da Espanha para as eleições gerais marcadas inicialmente para março de 2012), ampliou o discurso contra a crise e a gestão do PSOE, ao mesmo tempo em que procurou fortalecer a mensagem de uma aproximação com a juventude.

É preciso que se diga, ainda, que embora tenha havido inicialmente um agendamento da imprensa por receptores, é óbvio que nem todos estes estavam incluídos no processo de idealização e construção dos eventos que se caracterizaram como parte do movimento 15 de Mayo. Grande parte dos espanhóis foi pega tão de surpresa quanto a imprensa e o político pelo irromper dos protestos, e a partir de então passou a buscar os diferentes veículos midiáticos para se informar a respeito. Um caso explícito daquilo que Hohlfeldt comenta:

O agendamento somente ocorrerá de maneira eficiente quando houver um alto nível de percepção de relevância para o tema e, ao mesmo tempo, um *grau de incerteza relativamente alto em relação ao domínio do mesmo*, levando o receptor a buscar informar-se com maior intensidade a respeito daquele assunto (HOHLFELDT, 2001, p. 199. Grifo nosso).

Ao centrarmos nossa análise na encarnação virtual de *El País*, um periódico cujo site tem grandes espaços destinados aos comentários de seus leitores, percebemos que havia um apoio majoritário aos manifestantes por parte daqueles que deixavam suas mensagens na Internet. Essa postura favorável não se restringiu à (pequena) parcela de leitores que explicitamente registravam sua opinião na web: na realidade, ela estava clara também no tratamento dispensado por boa parte da imprensa espanhola aos protestos. O posicionamento de *El País*, por seu peso enquanto periódico de grande circulação, influenciava não apenas os políticos e parte do público, mas também a forma de cobertura de muitos outros veículos do país, estabelecendo uma tendência na representação dos manifestantes na imprensa em geral.

Da luta pela democracia a um apoio pela “democracia real”

Se a interrogação que abriu este artigo de fato pairou em algum momento sobre a redação de *El País* e seus muitos funcionários, a resposta não parece ter sido tão difícil de encontrar: desde o início, naquela semana, o jornal foi claramente favorável aos manifestantes e seus pedidos. Durante toda a semana transcorrida entre o marco inicial das manifestações, em 15 de maio de 2011, e as eleições municipais e autonômicas do dia 22 – e mesmo depois, num período que não analisamos neste artigo, mas no qual as manifestações seguiram ocorrendo na Espanha –, *El País* dedicava as principais manchetes ao noticiário sobre as manifestações ligadas ao 15-M, com amplos espaços

destinados a editoriais e a colunas de opiniões que coincidiam – na imensa maioria das vezes – com os anseios propagados pelo movimento.

Neste ponto, é válido recuperarmos de maneira breve a história desse diário madrilenho, a fim de compreender a escolha editorial feita para a abertura dos eventos de 2011. A fundação de *El País* remonta aos primeiros tempos após o fim do regime ditatorial de Francisco Franco, que havia governado o país desde a vitória na Guerra Civil Espanhola, em 1939. A edição inaugural do diário saiu em 4 de maio de 1976, menos de seis meses após a morte do “generalíssimo”, em dias em que o país olhava expectante para seu futuro.

A Espanha do nascimento de *El País* iniciava sua transição política, não sem percalços. Enquanto os antigos jornais ainda se ressentiam de quase quatro décadas de franquismo, com redações censuradas e editores frequentemente favoráveis ao regime, o novo diário surgia sem o peso de um passado questionável, defendendo o retorno imediato à democracia e disposto a se firmar como o veículo preponderante do novo período que se abria na história política da Espanha.

Este posicionamento ficou consagrado em 23 de fevereiro de 1981, quando um grupo de militares liderado pelo tenente-coronel Antonio Tejero tomou o Congresso, fez os deputados reféns e tentou dar um golpe de Estado. O golpe foi esvaziado quando a Televisión Española (TVE) conseguiu gravar e emitir um comunicado oficial do rei Juan Carlos I, em trajes militares, desautorizando o levante militar e declarando apoio irrestrito à Constituição e à necessidade de redemocratizar o país⁶ – um processo de que era um dos condutores, apesar das nebulosas relações de sua imagem a Franco, que o reconheceu como sucessor.

Antes que o rei surgisse nas televisões de todo o país, contudo, a Espanha estava mergulhada na incerteza quanto ao seu futuro. Quase todos os grandes jornais, temendo represálias posteriores caso um golpe se confirmasse, foram flagrantemente reticentes em deixar clara uma posição, qualquer que fosse, aguardando o desenrolar dos acontecimentos para se colocar conseqüentemente. *El País* foi a exceção mais notória,

⁶ Sobre isto, escreveu Cercas (2009, p. 300): “Como cualquiera de los demás conjurados, Cortina pudo razonar en vísperas del 23 de febrero que sólo había tres formas de que el golpe fracasase: la primera era una reacción popular; la segunda era una reacción del ejército; la tercera era una reacción del Rey”. Cortina era José Luis Cortina, comandante do serviço de inteligência espanhol. Cercas destaca que as duas primeiras hipóteses eram consideradas improváveis à época, mas a terceira – que acabaria ocorrendo – era uma incógnita.

saindo em edição extraordinária sob o título “*El País, con la Constitución*”, convocando os cidadãos a se manifestar pela democracia. O episódio marcou decisivamente a caminhada do jornal rumo ao topo das vendas, impulsionando sua credibilidade, à época, junto ao público.

Com o tempo, o jornal formou uma tradição como veículo simpático à figura do rei, mas também favorável a movimentos de centro-esquerda. Por algum tempo, em especial a partir dos anos 90, o cenário político espanhol encarou isso como um sinônimo de apoio ao partido cujo discurso mais se identificava com as correntes progressistas, o PSOE, que governava a Espanha na época em que as manifestações de 15 de maio de 2011 eclodiram. Com a crise econômica que afeta o país desde 2008, porém, as críticas cada vez mais contundentes feitas por *El País* o afastaram da velha acusação de estar alinhado ao PSOE.

No que se refere ao movimento 15-M, por exemplo, *El País* não demonstrou qualquer empenho em justificar as decisões tomadas recentemente pelo governo social-operário. Ao contrário, colocava-se claramente ao lado dos manifestantes. Para comentarmos o teor empregado na semana prévia às eleições de 22 de maio daquele ano, convém usarmos o que comentam Machado e Jacks (2001). Valendo-se do conceito de ilusão discursiva de Michel Pêcheux, as autoras delineiam os dois tipos de esquecimento definidos pelo francês. O primeiro seria a ilusão do sujeito de ser o senhor absoluto de seu discurso, isto é, a fonte original de seu pensamento. O segundo esquecimento, que nos interessa aqui, é aquele em que, nas palavras de Machado e Jacks,

o sujeito apaga a noção de que seu discurso nada mais é do que a escolha de determinadas estratégias de expressão. É o chamado processo de denegação. Escolho uma forma, em detrimento de outra. Dou lugar a um dito, recusando um não-dito. Tudo que é dito de um modo poderia ser dito de outro, senão oposto, ao menos distinto (MACHADO e JACKS, 2001, p. 283).

Seria ingenuidade pensar, no entanto, que o discurso do jornalismo não tem qualquer consciência das estratégias que emprega para adotar determinados termos e formas no lugar de outros, com o fim de gerar um sentido planejado previamente – ainda que isso seja verdade em alguns casos, numerosos editoriais são verdadeiros

malabarismos semânticos com escolhas de palavras que muitas vezes denotam uma opção inquestionavelmente política. No caso da cobertura de *El País* sobre o 15-M, é inegável que as escolhas visavam a demonstrar um apoio aos manifestantes. Ao contrário do que normalmente ocorre no jornalismo que se diz informativo, mesmo algumas reportagens não se esforçavam em ocultar uma construção textual que poderia ser enquadrada como opinativa, valendo-se, por exemplo, de adjetivações que qualificavam positivamente certos posicionamentos daqueles que protestavam.

Nota-se essa escolha por um tratamento positivo desde a opção pelo termo através do qual se referir ao grupo que ocupava a Puerta del Sol. Podendo adotar alguma identificação genérica como “manifestantes” ou similar, *El País* preferiu utilizar o termo que o próprio movimento havia cunhado para seus integrantes – os “indignados”. “Indignado” é a condição de quem se enfada com algo, ou quem sofre uma indignidade, tanto em português como em língua espanhola. Conforme nos recorda o dicionário da Real Academia Española (1998), o termo “indignidade” tem, entre outros significados⁷, o de “acción indigna o reprochable”.

Sob esse conceito, assumimos que aquele que se enfada com uma indignidade é porque tem motivos – está, por consequência inescapável, se opondo a ações indignas ou reprováveis desempenhadas por alguém. Se os “indignados” se qualificavam assim em oposição ao sistema político e econômico da Espanha, a tal ação reprovável vinha do próprio governo e da classe política que o disputava nas eleições. Ao reproduzir o termo sem qualquer acréscimo (poderia muito bem escolher “autoproclamados indignados”, por exemplo, como tantas vezes se vê), *El País* concordava com esse significado (não tão) subliminar pretendido pelos manifestantes.

Mas a visão favorável aos “indignados” não se resumia a esse aspecto. Conforme o movimento foi crescendo, a cobertura se tornou mais abrangente e ganhou ainda mais destaque no jornal impresso e no digital. Em reportagem de 19 de maio de 2011, quando o acampamento seguia na Puerta del Sol, a jornalista Inés Santaaulalia buscou traduzir a grandeza do acontecimento comparando a praça a nada menos que um pequeno Estado, independente e autorregulado, a despeito das forças públicas que

⁷ “Indignidad (Del lat. indignitas, -atis) f. Cualidad de indigno. 2. Acción indigna o reprochable. 3. Ant. Enojo, ira. 4. Der. Motivo de incapacidad sucesoria por mal comportamiento grave del heredero o legatario hacia el causante de la herencia o los parientes inmediatos de este” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1998, p. 1158).

poderiam pretender desocupar o local. Várias vezes se notam menções nesse sentido em seu texto, desde o título da reportagem – “Undía en la *república* de Sol” – até o corpo do texto, com frases como “el *pequeno nuevo Estado*, batizado según las bocas como Plaza de la Solución”. A matéria buscava mostrar a boa organização dos manifestantes, definida em termos quase utópicos, como uma “sociedad espontánea” em que as pessoas se arranjavam sem problemas e “de manera horizontal”.

No dia em que a matéria saiu, as dificuldades enfrentadas pelos manifestantes já eram grandes. O policiamento cresceu, faltavam comida e banheiros, e chovera sobre os acampados. Por fim, a Junta Eleitoral de Madrid declarou que as aglomerações do 15-M estavam em desacordo com a lei, baseando-se na legislação eleitoral que proíbe, às vésperas de eleições, qualquer manifestação pública capaz de influenciar o resultado do pleito e a opinião do eleitorado. Mesmo assim, ao invés de criminalizados – já que ilegais –, os “indignados” eram saudados por sua resistência nos textos do jornal. Nem mesmo a condição irregular da manutenção dos acampamentos era reprovada em *El País*:

Ni la Junta Electoral Provincial, que decidió no autorizar la concentración convocada a las 20.00 de ayer en el kilómetro cero, ni la lluvia, que hizo su aparición al caer de la noche. *Nada pudo con la multitud de los indignados* (SANTAEULALIA, 2011. Grifo nosso).

É válido destacar, no trecho acima, outra opção feita pelo jornal: dizer que a Junta Eleitoral “decidiu” não autorizar a concentração, passando a ideia de que se tratava de uma escolha, quando a própria lei não dava alternativas que não fossem a desautorização. No mesmo dia da reportagem, saiu um dos artigos de apoio mais explícito ao movimento, na coluna do escritor Benjamín Prado. Intitulado “Democracia Real Ya” (novamente uma apropriação dos termos usados pelos “indignados”, cujas bandeiras se centravam no pedido pelo que chamavam democracia verdadeira, a “democracia real”, com mais opções do que os dois partidos de sempre, tão parecidos em suas políticas econômicas), o texto fez uso de grandes cargas emocionais, com figuras simbólicas (a Puerta del Sol como um “coração”, por exemplo) para demonstrar que os manifestantes poderiam se organizar de maneira superior ao próprio Estado, representado naquele contexto pelas forças policiais:

Desde hace unos días, la Puerta del Sol ya no es el centro de la ciudad, sino el centro de los ciudadanos: es decir, algo más parecido a un corazón que a una plaza. El Movimiento 15 de Mayo [...] es un ya está bien, un hasta aquí hemos llegado del que lo único difícil de entender es que haya tardado tanto en llegar (PRADO, 2011).

A exaltação ao movimento seguiria nas diferentes seções de *El País*. No dia 20 de maio, em uma notícia intitulada “El espíritu de la acampada de Sol se reproduce por las ciudades españolas”, o jornal demonstrava como o movimento ia se espalhando, com ocupações de praças pelo país – e pelo mundo, através de espanhóis emigrados, em locais como Berlim, Londres, Paris, Bogotá e Buenos Aires, entre outros. Novamente, neste caso, seria usado um discurso de grandiosidade, referindo-se a um “espíritu de denuncia y *revolución*” (grifo nosso) que, agora, extrapolava as fronteiras ibéricas.

Conclusão

Logo nos dias de seu surgimento, o 15-M foi um movimento de transcendência internacional, sendo influenciado e, depois, influenciando fortemente uma série de manifestações em distintos países do mundo. Embora os seus resultados imediatos tenham sido vistos com reservas nas eleições autonômicas e municipais de 22 de maio de 2011 – alguns analistas acreditavam que os protestos contra a bipolaridade PP-PSOE poderia gerar uma explosão de votos em branco, o que não aconteceu –, houve, sim, um aumento considerável nos votos em branco em relação a pleitos anteriores, bem como na opção por partidos que surgiam como terceira via. Na Espanha, é válido ressaltar, o voto em branco é considerado um voto válido, diferentemente do Brasil, com a porcentagem tendo relevância para os resultados finais. Em grande número, ele pode até mesmo impedir que um partido assuma o poder, mesmo concorrendo sozinho.

Apesar do leve aumento na votação em branco (1,94% dos eleitores no pleito municipal e autonômico de 2007 para 2,54% em 2011, cerca de meio milhão de votos a mais) e em siglas menores como a Izquierda Unida, o resultado final das eleições acabaria dentro do esperado, com o situacionista PSOE não suportando as pressões da crise econômica e do desemprego e perdendo espaço em todos os cantos do país para o PP.

Como seria de esperar, com o tempo o movimento deixou de ganhar tantas manchetes quanto no início, e foi pouco a pouco sendo relegado a um segundo plano na agenda dos noticiários – a própria cobertura deixou de ser tão integralmente positiva depois que se registraram os primeiros distúrbios que, embora pequenos, abalaram a imagem da manifestação pacífica que perdurara durante toda a semana até 22 de maio e também nos primeiros meses seguintes.

O 15-M já não existe, ao menos não com este nome, mas deixou legados notáveis: na imprensa, fortaleceu uma agenda pautada pelas mudanças imediatas requeridas com veemência pela população. Na política, os efeitos de longo prazo ainda estão sendo sentidos: outros movimentos sociais se seguiram ao pioneiro 15-M, alguns novos partidos políticos apareceriam como alternativa à dupla PP-PSOE – sendo o caso mais notório o Podemos, de esquerda, fundado em janeiro de 2014 e que, em seu primeiro ano de existência, conquistou cinco representantes (cerca de 8% do eleitorado espanhol) no parlamento europeu. O próprio rei Juan Carlos I, identificado com a política tradicional e tachado de esbanjador em plena crise, tornou-se uma figura de crescente impopularidade, deixando o trono em junho de 2014.

Mas o movimento dos “indignados” também gerou efeitos muito mais rápidos, com o apoio de jornais como o *El País*. Dois meses depois do início dos protestos de maio de 2011, mais precisamente em 17 de julho, o diário publicou um editorial intitulado “Final de ciclo”, em que pedia a renúncia do primeiro-ministro José Luis Rodríguez Zapatero e punha por terra qualquer dúvida sobre se ainda apoiava o PSOE: “si Zapatero quiererendirun último servicio al país, debehacerlo abandonando el poder cuanto antes”, dizia o periódico.

Zapatero não renunciou, mas, doze dias depois, anunciou o adiamento das eleições gerais que o tirariam do poder. Marcadas inicialmente para março de 2012, elas seriam realizadas em 20 de novembro de 2011 – e vencidas pelo PP.

Referências

CERCAS, Javier. **Anatomía de un instante**. Barcelona: Debolsillo, 2009.

EL PAÍS. El espíritu de la acampada de Sol se reproduce por las ciudades Españolas. **El País**, Madrid, 20 mai. 2011. Disponível em:

<http://www.elpais.com/articulo/espana/espíritu/acampada/Sol/reproduce/ciudades/espanolas/elpepuesp/20110520elpepunac_1/Tes>. Acesso em: 18 set. 2014.

EL PAÍS. Final de ciclo [Editorial]. **El País**, Madrid, 18 jul. 2011. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/opinion/Final/ciclo/elpepiopi/20110718elpepiopi_1/Tes>. Acesso em: 19 set. 2014.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MACHADO, Marcia Benetti e JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. In: 10º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2001, Brasília. **Anais**. Brasília: Compós, 2001.

PRADO, Benjamín. Democracia real ya. **El País**, Madrid, 19 mai. 2011. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/madrid/Democracia/real/elpepiespmad/20110519elpmad_3/Tes>. Acesso em: 21 set. 2014.

RAMONEDA, Josep. Del malestar a la indignación. **El País**, Madrid, 18 mai. 2011. Disponível em: <http://politica.elpais.com/politica/2011/05/18/actualidad/1305752546_920831.html>. Acesso em: 20 set. 2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Española**. 21.ed. Madrid: Espasa Calpe, 1998.

SANTAEULALIA, Inés. Un día en la república de Sol. **El País**, Madrid, 19 mai. 2011. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/madrid/dia/republica/Sol/elpepiespmad/20110519elpad_2/Tes>. Acesso em: 19 set. 2014.